

Berggasse 19

*Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Ribeirão Preto*



Vol. X no. 1 2020

ISSN 2177-3033

Hospitalidade à luz da Teoria das Transformações de Bion

Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis¹, Ribeirão Preto.

Resumo: O presente artigo é uma releitura de outro artigo publicado pela autora há dez anos. O texto anterior abordou o tema da hospitalidade, no vínculo analítico, sob o vértice da intersubjetividade. A hospitalidade foi vista como a condição do analista de ser receptivo às identificações projetivas do analisando, associada à oferta de abrigo simbólico para conteúdos que “invadem” a mente, requerendo continência/representação. Na releitura do artigo, agora sob o vértice da Teoria das Transformações de Bion, a autora expande a ideia de hospitalidade em direção à disponibilidade do analista para estar receptivo a O, cuidando das condições necessárias para alcançar o estado de mente favorável às transformações em O. Apresentam-se também as resistências a esse movimento, identificadas por Bion como resistências ao ser/tornar-se realidade. A passagem da Odisseia, usada no artigo anterior para ilustrar a hospitalidade, bem como o material clínico ali apresentado são revisados à luz dos conceitos da Teoria das Transformações.

Palavras-chave: hospitalidade; transformações em O; resistências a ser/tornar-se.

O presente artigo é resultado da proposta feita pela atual editora da revista *Berggasse 19*, Sandra Luiza Nunes Caseiro, da releitura de um artigo publicado por mim, há dez anos, sob o título “Hospitalidade no encontro analítico” (Assis, 2010). Relendo o artigo, percebi que poderia ampliá-lo, incluindo o que estudei e realizei, nos últimos dez anos, sobre a Teoria das Transformações, de Wilfred R. Bion, exposta especialmente nos livros *Transformações*:

¹ Psicanalista, membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP). Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Do aprendizado ao crescimento de 1965 e Atenção e Interpretação de 1970.

Iniciei o artigo original com a apresentação de duas experiências clínicas:

Um analisando conta o seguinte sonho: ele está em sua casa lendo um livro, quando começa uma forte tempestade. Ele se assusta com o barulho que vem de fora, para de ler e observa que há goteiras em vários pontos da casa. Essas goteiras vão aumentando em número e intensidade. Passam a ser buracos no teto que ele tenta desesperadamente tapar, sem conseguir. A água vai entrando pela casa toda, e ele corre de um lado para outro, não sabendo o que fazer. O teto começa a desabar, e ele acorda em pânico, gritando.

Outro paciente diz, no início da sessão, que há um número grande de “sem-teto” acampados próximos a terrenos seus. Ele se preocupa com a possibilidade de invasão. Diz que uma providência que pensou tomar foi sugerir uma parceria com a prefeitura para construção de casas populares, o que poderia prevenir problemas futuros (Assis, 2010, pp. 117-118).

Ressaltei naquele artigo que, em ambas as situações relatadas, havia o tema da invasão de conteúdos não simbolizados, acompanhado por um medo de desorganização psicótica. Junto a isso podia ser identificada, no material apresentado, uma busca pelo outro (analista): um grito por socorro (no sonho) e de parceria (no segundo relato).

Partindo das experiências clínicas relatadas, escrevi o objetivo do artigo:

No presente artigo pretendo abordar o tema da hospitalidade, com ênfase na perspectiva intrapsíquica, ou seja, na condição interna de “hospedar” os conteúdos que vagam sem continência dentro da mente ou, dito de outra forma, na condição interna de construir abrigos para os “sem-teto” que perambulam em nós. A constituição dessa capacidade – a hospitalidade intrapsíquica – passa pela possibilidade de encontro com o outro – a hospitalidade intersubjetiva (Assis, 2010, pp. 118-119).

No trecho acima, nota-se que a hospitalidade comparece como nomeação, continência, construção de sonhos, simbolização, ou seja, uma espécie de “oferta” da função α do analista para hospedar os conteúdos inominados do paciente, dar-lhes abrigo, sonhá-los e, assim sendo, co-laborar para que o paciente amplie sua condição de sonhar/pensar.

À luz da Teoria das Transformações (Bion, 1965/2004) mais especificamente de transformações em O (ser e tornar-se realidade), o tema da hospitalidade pode ser expandido para além das fronteiras de abrigar, via representação, conteúdos não simbolizados/dispersos/fragmentados. Sob o vértice das transformações em O, a hospitalidade se aproxima de uma disponibilidade mental do analista para ser alcançado por O, estar receptivo a O, ser encarnado por O, ressoando com o O do paciente, em um movimento de criar oportunidade de crescimento. Uso o termo crescimento, referindo-me ao subtítulo do livro *Transformações*, qual seja, *Do aprendizado ao crescimento*, que pode ser lido como o movimento da teoria do campo do Conhecer para o campo do Ser.

Vou agora acrescentar, às transformações em movimento rígido, projetivas e em alucinação, as transformações em O. Isto quer dizer, proponho estender a expressão O, para abranger o âmbito da realidade e “tornar-se”. Transformações em O contrastam com outras transformações; as primeiras são relacionadas ao desenvolvimento em “tornar-se” e as últimas, ao desenvolvimento do “conhecer sobre” desenvolvimento; elas se parecem entre si; têm em comum, “desenvolvimento” (Bion, 1965/2004, pp. 169-170).

Entre nós, Braga (2011, 2012, 2016, 2017) tem enfatizado a relevância desta revolução no pensamento psicanalítico, compreendida por Bion em *Transformações* e nas obras subsequentes.

Podemos nos desacorrentar do *Conhecer* e nos voltarmos para a *Origem* (“O”), para a luz, para a essência do ser? Esta passa a ser a questão central para o analista que se interessar por esta proposta. Dito de outra forma: Bion rompe com os limites do pensar *do* pensador (formar e manejar pensamen-

tos) e passa a investigar o potencial clínico das transformações em *ser ou tornar-se a realidade*, a possibilidade de ser encarnado por pensamentos *sem* pensador. E, pela segunda vez, amplia enormemente o alcance do campo analítico, agora ao infinito desconhecido, ‘vazio e sem forma’² (Braga, 2017, p. 11).

É justamente esta ampliação, de que fala Braga, que pretendo introduzir no presente artigo, ou seja, a hospitalidade se expande para ... “a possibilidade de ser encarnado por pensamentos sem pensador”.

Nesse ponto é interessante notar que no artigo ora ressignificado, tomei o trecho da *Odisseia*, em que Ulisses chega à terra dos Feácios, como ilustração do que é hospitalidade ao outro.

A propósito da hospitalidade, há uma bela passagem na *Odisseia*, quando Ulisses chega à terra dos Feácios. Ele havia passado por momentos muito difíceis, enfrentando uma forte tempestade no mar, que destruíra sua jangada. Lutou contra ondas fortíssimas e ventos violentos. Nadou desesperadamente, reunindo todas suas forças, até atingir terra firme. Chegou exausto, só, nu, faminto, marcado no corpo e na alma pelo longo período de sofrimento. Adormeceu à beira de um rio, coberto apenas por folhas. Nessas condições, foi encontrado pela filha de Alcínoo, rei dos Feácios. Ulisses solicita a ela hospitalidade. A princesa acolhe seu pedido e o leva ao palácio. Era costume na antiguidade acolher o estrangeiro e lhe oferecer um banquete com a presença de um Aedo para cantar poemas. No banquete oferecido a Ulisses, o Aedo convidado canta a entrada do cavalo em Troia, sem saber que o estrangeiro era o herói de quem ele contava as proezas. Ulisses se comove ao ouvir sua própria história narrada. O rei, atento e sensível à emoção do estrangeiro, incentiva-o a narrar sua história. É a partir desse momento que Ulisses se identifica como o herói de Troia, que tantas aventuras vivera e tantos sofrimentos experimentara. Além da vestimenta, do aposento e da comida que já recebera, Ulisses recebe dos Feácios, “ouvidos” atentos a suas histórias.

O ofício do analista contém esses elementos: oferecer hospi-

² Palavras de Milton, citadas por Bion nos capítulos 11 e 12 de *Transformações* (1965) para descrever as emanações da realidade, no processo de criação.

talidade, como um Feácio; falar do paciente para ele próprio, como um Aedo e ouvi-lo, atento, quando ele pode começar a construir sua própria narrativa (Assis, 2010, p. 120).

Pode-se notar que, no artigo original, valorizei a condição de receber o outro com suas histórias vividas e suas narrativas a serem construídas. Hoje, na releitura, amplio o olhar do herói que viveu odisséias a serem narradas, para o herói a viver odisséias que se apresentam no dia a dia, que estão sendo vividas e ainda por nascerem. Esse herói não é o paciente e nem o analista: são ambos, a viverem a aventura de cada sessão, em que há um O em evolução, a requerer o “estar-uno-a”, a buscar “encarnação” em uma mente disponível.

Em *Atenção e Interpretação* (1970), Bion afirma que:

Não podem existir regras sobre a natureza da experiência emocional que mostrem que a experiência esteja pronta para ser interpretada. Em vez disso, posso apenas sugerir regras que ajudem o analista a obter o estado de mente receptivo ao O da experiência analítica. Caso ele seja capaz de ser receptivo a O, então poderá se sentir impelido a lidar com a intersecção da evolução de O com o âmbito dos objetos dos sentidos ou de formulações baseadas nos sentidos. Se ele faz ou não assim, isso não depende de *regras* para O, ou O→K, mas apenas de sua capacidade de “estar-uno-a” O (Bion, 1970/2006, p. 46).

“O estado de mente receptivo a O” pode ser pensado como hospitalidade, como a disponibilidade do analista para o “estar-uno-a” ao O que evolui na sessão. Assim, o analista apresenta-se como o parceiro que está disponível não somente para o que o paciente necessita nomear, mas também para o que se apresenta por nascer a cada instante. Na passagem da *Odisseia* citada acima, enfatizo hoje a postura do rei Feácio que, atento a seu hóspede, entra em contato com a emoção que se apresenta naquele instante. Para além do herói de Troia, que tantas aventuras e desventuras vivera, está presente o homem que vive a emoção de ser o que se é. Assim, a emoção, nascente do contato com a realidade de ser-si-mesmo,

se superpõe à narrativa de suas façanhas heroicas. Deste vértice, o ofício do analista inclui, para além da hospitalidade ao outro, a hospitalidade a O, que transcende o campo eu-outro e caminha em direção à experiência humana inefável, que precede e ultrapassa cada um em particular, abrindo a relação para o constante vir-a-ser. Encontro em Caseiro (2019) palavras sobre o inefável e o instante:

Quando é possível o luto – quando é possível tolerar a experiência da ausência do objeto –, também é possível “morrer” naquilo que éramos e “renascer” com significados frescos. Temos, analista e analisando, receio de que isso não aconteça. Então, tendemos a nos manter agarrados ao já conhecido sobre nós e sobre o outro. “Renascer” acontece numa fração de segundo posterior à sensação de queda livre, sutil como um leve “atrapalhamento” ou intensa como perder o chão, e após talvez o “tornar-se” ou o “cair em si de quem se está sendo e da presença do outro” (Caseiro, 2019, pp. 152-153).

No artigo original há o subtítulo “Ameaças à hospitalidade”. Ali são apresentadas três ideias sobre o que pode obstruir a hospitalidade intersubjetiva.

1. A hospitalidade fica comprometida quando a defesa contra o outro se impõe sobre a recepção do outro em si. Da perspectiva do paciente, é o que acontece quando o analista invade o paciente com interpretações precoces ou inadequadas, provocando o recrudescimento de defesas. Da perspectiva do analista, é o que ocorre quando o paciente, sendo invasivo, provoca as defesas do analista. Se a hospitalidade torna-se inviável, o vínculo fica sujeito a rompimentos. Não me refiro estritamente a interrupções de análise e sim, de um modo mais amplo, refiro-me aos momentos em que há rompimentos ou inviabilidade de encontro dentro da sessão analítica; momentos em que a hospitalidade possível é ameaçada. Como sabemos, a análise se compõe exatamente dessa diversidade de experiências emocionais vividas pelo par, em que não há linearidade, mas oscilações.

2. Ocorre, ainda, dentro das relações intersubjetivas, o não investimento no objeto. São situações de des-afeto, em que predominam as manifestações da pulsão de morte. Green

(1986/1988) nos lembra que, para Freud, a pulsão de vida corresponde aos mecanismos de ligação que operam na mente, e a pulsão de morte, aos mecanismos de desligamento. Esses últimos promovem o des-investimento no objeto, ou o que Green denomina “função desobjetalizante”.

3. Ainda dentro do contexto da intersubjetividade, cabe lembrar que a busca pelo outro inclui uma condição fundamental, porém menos visível, que é a tolerância à ausência e à incompletude. Nessa perspectiva, procurar é movimento posterior a admitir a ausência e a necessidade. A intolerância à ausência do seio leva a um apego desmedido ao que foi perdido em lugar de uma busca pelo que pode ser encontrado (Bion, 1965/2004). Por outro lado, admitir a incompletude supõe uma renúncia à onipotência, à ideia de ser autossuficiente o que, como se sabe em Psicanálise, muitas vezes é o resultado de um longo percurso de nascimento psíquico. (Assis, 2010, pp. 122-123)

Note-se que, nas três situações citadas, as ameaças à hospitalidade são consideradas dentro do vértice da intersubjetividade, em que há 1. Medo do outro; 2. Não investimento no outro (desligamento) e 3. Intolerância à ausência do objeto, levando a uma negação de sua necessidade e, portanto, da busca.

À luz da Teoria das Transformações, como disse anteriormente, a hospitalidade se amplia para o estado de mente receptivo a O. Ser receptivo a O está para além de receber o outro em si; aponta para “estar-uno-a” ao que transcende a ambos, que contém a inevitabilidade do existir, e que está disponível a ambos para ser “encarnado”.

Grotstein (2000) escreve o seguinte:

Em suma, “O” é o modo de Bion falar sobre o aparelhamento total de experiências emocionais antecedentes e sequentes à sua recepção pelo sujeito. Além disso, “O” *evolui*; ele está sempre mudando. Bion frequentemente citava o adágio de Heráclito de que uma pessoa não pode entrar no mesmo rio duas vezes. O rio de Heráclito implacavelmente se move. Transformação espontânea se torna automática e inelutável. O problema para o indivíduo no rio de experiências é aceitar as transformações por transformações pessoais a partir

das transformações impessoais de “O”. Assim, para mim, a transformação importante é aquela de “O” impessoal para “O” pessoal (emocional) (Grotstein 2000/2003, p. 377).

Retomando Ulisses na terra dos Feácios, pode-se conjecturar que a emoção que brota no herói de Troia está para além da emoção de ouvir seus feitos narrados: anuncia o instante de contato direto com a realidade de estar mergulhado em um rio de acontecimentos antecedentes e sequentes ao seu existir e sua participação pessoal nesse rio de acontecimentos. Penso que a experiência de estar próximo à morte e “passar um filme da vida diante de si”, muitas vezes narrada por quem tem essa experiência, pode se aproximar do que é a vivência do contato com O, com o inevitável, Realidade Absoluta, Verdade Última, que conduz à apreensão instantânea (porque vivida em um instante, que não se mede no tempo cronológico) do Ser, do Viver, do Morrer. As letras maiúsculas aqui são propositais, porque se fala do que está para além de cada um de nós, mas que habita cada um de nós, “lembretes” das Formas de Platão, “encarnações” da divindade e continentes de hipérboles (Bion, 1965/2004, p. 162).

Por este vértice, as ameaças à hospitalidade, tanto intersubjetiva como intrapsíquica, podem ser pensadas como resistências às transformações em O; resistências ao tornar-se realidade. Cabe aqui lembrar os passos do caminho em direção ao tornar-se, com as resistências a eles correspondentes.

Segundo Bion (1965/2004), o caminho para o tornar-se envolve a passagem pelas três noites escuras da alma (referindo-se a São João da Cruz).

A primeira (noite da alma) tem a ver com o ponto a partir do qual a alma parte, pois ela tem que se privar gradualmente de desejo de todas as coisas terrenas que possuía, negando-as para si: negação e privação que são, por assim dizer, noite para todos os sentidos humanos. A segunda razão tem a ver com o meio, ou o caminho ao longo do qual a alma precisa viajar para esta união – ou seja, fé, que, para o entendimento, também é tão escura quanto a noite. A terceira tem a ver com o ponto para o qual viaja a alma – ou seja, Deus, que, igualmente, é noite de trevas para a alma nesta vida” (São João da

Cruz, citado em Bion, 1965/2004, p. 173).

Assim, a primeira noite é renúncia aos sentidos, e a resistência a ela associada é o medo à ignorância. Veja que não se trata aqui do medo do objeto ameaçador, mas do medo da escuridão, do silêncio, do inacessível, do impensável... (“O silêncio destes espaços infinitos me apavora”, Pascal, citado por Bion (1965/2004) em *Transformações*, p. 184). Desse vértice, estar disponível para as trevas é condição de hospitalidade a O. Fugir à experiência da ignorância é resistir a tornar-se O.

A segunda noite escura é renúncia à investigação, renúncia à busca ansiosa por conhecer e, concomitantemente, renúncia a entregar-se ao ato de fé, indicado por Bion como sendo o estado de mente propício ao “estar-uno-a” a O.

Pode-se perguntar qual seria o estado de mente bem-vindo (às transformações em O), já que memórias e desejos não o são. Um termo que expressaria de modo aproximado o que necessito expressar é “fé” – fé de que existe uma realidade última e verdade – “o infinito desprovido de forma”, desconhecido, incognoscível. É necessário acreditar nisso com relação a todo e qualquer objeto do qual a personalidade possa estar consciente: a personalidade pode se dar conta de objetos que emanam da evolução da realidade última (simbolizada por O). Esses aspectos de O “evoluído” são tais que as funções mentais derivadas do sensorio são adequadas para apreendê-los. Não se requer fé para eles; para O requer-se fé. (Bion, 1970/2006, p. 46).

A resistência associada à segunda noite escura é medo à ausência de investigação, o que conduz à busca apressada por preencher lacunas, por estabelecer conexões, antes que evoluam e se apresentem. Observe-se aqui a atitude “passiva”, receptiva do analista, para hospedar O. Nessa perspectiva, não se trata de buscar, mas de ser receptivo e se deixar habitar por O. Em *Atenção e Interpretação*, na p. 130, Bion (1970/2006) fala em *paciência e segurança*, estados mentais necessários ao analista para estar receptivo a O. A *paciência* diz respeito à possibilidade de tolerar o

sofrimento e a frustração inerentes ao que Melanie Klein denominou posição esquizoparanoide. A *segurança* refere-se à confiança de que um padrão irá se apresentar, sem que seja necessária a busca ativa por explicações. O estado de *segurança*, segundo Bion, é análogo ao que Melanie Klein descreveu como posição depressiva. Tanto *segurança* como *paciência* são estados mentais que apontam para uma atitude receptiva/passiva do analista, o que se associa ao termo *hospitalidade*, enquanto estado de disponibilidade para receber, que se contrapõe ao estado ansioso de buscar. Tentando compreender tal estado de receptividade, costumo pensar que se trata de “ser alcançado” e não de “alcançar”.

A terceira noite escura é a que precede o encontro com a divindade, que equivale ao “tornar-se”. A defesa a ela associada é o medo de megalomania ou do ser responsável.

Nas palavras de Bion:

A terceira “noite de trevas” é associada à transformação em O, ou seja, de K→O. A transformação que envolve “tornar-se” é sentida como inseparável de tornar-se Deus, realidade última, a Causa Primordial. A dor “noite de trevas” é medo de megalomania. Este medo inibe a aceitação de ser responsável, ou seja, maduro, porque isto pode envolver *sendo* Deus, sendo a Causa Primordial, sendo realidade última – como uma dor que pode ser, ainda que inadequadamente, expressa por “megalomania”. (Bion, 1965/2004, p. 173-174).

Assim, à luz da Teoria das Transformações, as ameaças à hospitalidade, vistas no artigo original como medo de receber o outro (em sua qualidade de estranho a mim), envolvem também as resistências ao tornar-se, quais sejam: medo à ignorância, medo à ausência de investigação e medo de megalomania.

Alicerçada na Teoria do Trauma, escrevi, no artigo original, que a busca por análise pode ser vista como uma busca por restaurações de rupturas, busca por abrigo simbólico do que permanece inominável ou irrepresentável, ou, na linguagem cunhada por Ogden (2005/2010), como busca de sonhar com o analista os sonhos que não puderam ser sonhados a sós, e que se apresentam à

semelhança de pesadelos e terrores noturnos (gritos interrompidos). Agora, alicerçada na Teoria das Transformações, posso estender a ideia da busca por análise, à procura, inerente ao humano, por uma relação/pessoa/lugar em que se possa Ser, ou, dito de outra forma, à necessidade de viver a verdade.

Bion frequentemente declarava que a psique do homem necessita de verdade da mesma forma que seu corpo necessita de alimento. Assim, a procura por verdade, verdade emocional, se torna a primeira força impulsiva de todo ser humano, ainda que o medo de suas consequências e realizações se torne sua resistência. Em outras palavras, “evolução para O” é idêntico à onda implacável da Verdade e realidade (Grostein, 2000/2003, p. 386).

Recentemente fui procurada por um paciente que aparentemente buscava um *coaching*, alguém que poderia ajudá-lo a “vencer os obstáculos emocionais” que o impediam de “bater as metas” determinadas pela empresa em que trabalha. Quando eu lhe disse que na análise não havia metas, que iríamos juntos tentar entrar em contato com o que ele é e não com o que ele *deveria ser*, pude ver seus olhos marejarem; percebi que ele se sentiu aliviado, ainda que surpreso. Uma experiência emocional difícil de descrever, mas é como se ele tivesse se perguntado: ainda restam lugares onde é possível Ser? Ele não sabia, conscientemente, mas estava em busca da verdade que lhe faltava; estava mergulhado em um universo de comportamentos predeterminados a serem alcançados, para que pudesse “fazer sucesso”. Nesse momento da entrevista, senti uma tristeza profunda junto a ele, por sabê-lo representante de um equívoco não raro nos dias de hoje: a personagem se superpondo à pessoa; a pessoa prestes a desaparecer em meio a uma avalanche de prescrições de como ser.

Inspirada pela lembrança do paciente de “hoje”, releio a ilustração clínica que transcrevi no artigo original.

A paciente chega muito falante. Já no corredor começa a dizer que acabou de chegar da ginástica (talvez para justificar a roupa que está vestindo). Deita-se e vai fazendo comentá-

rios sobre a academia, enfatizando que encontrou pouca gente lá, o que foi ótimo, porque não gosta de academia cheia, com muito barulho. Imediatamente entra em outro assunto, contando que foi à ginecologista e que, segundo ela, “fala demais”; diz que a médica ficou um longo tempo contando de uma viagem que fizera. Diz que foi difícil ficar ouvindo porque já estava de cabeça cheia com a reunião na empresa que havia sido “um sufoco”. Fala então da reunião, de algumas decisões que foram tomadas, de contrato fechado, da variação do dólar... Lembra-se de que ontem passou na casa da mãe e ficou lá, por um longo tempo, “quietinha”.

Eu fico observando, ouvindo, em contato com aquele discurso que enche a sala, mas que fala da necessidade de um silêncio. Não digo nada, deliberadamente. Sinto necessidade de contrastar tanta fala, com uma quietude. Ficamos por um tempo curto, sem dizer nada. Penso, durante esse tempo, em uma casa de mãe, onde se pode ficar, simplesmente, sem ter que “malhar” como numa academia, ou tomar decisões, como numa reunião de trabalho.

Ela se incomoda com meu silêncio e o denuncia: *tá quieta hoje, Bernadete*. Eu digo: *acho que é isso que você está querendo: um pouco de silêncio, de quietude dentro de si mesma, para poder se ouvir*.

Ela concorda dizendo que ontem sentiu isso quando foi visitar a mãe. Faz um silêncio breve e eu sinto que há um momento de aproximação entre nós. O clima afetivo é forte, embora não haja palavras. Mas isso dura pouco. Ela diz que acabou de ter uma imagem. Pergunta se eu conheço um isolante térmico líquido. Digo que não. Ela explica que se injeta um líquido em um espaço que se quer isolar e ele se expande ocupando todo o espaço. Serve para isolar compartimentos, para que a temperatura de um não passe para o outro. Diz que, naquele momento, olhou para a sala e teve essa imagem: a sala preenchida por esse isolante térmico. Falo que ela está injetando esse isolante na sala numa tentativa de evitar o contato emocional entre nós, para não correr o risco de sentir o calor da aproximação ou o frio da separação. Penso que nesse momento da sessão, ela sentiu, tal como eu, a distância emocional entre nós diminuída o que a levou a recrudescer suas defesas, espalhando alucinatoriamente o isolante pela sala. É assim que sinto nosso contato em várias sessões: os momentos de aproximação são desejados, porém muito temidos e ela vai, das mais diferentes formas, alucinante ou

não, colocando isolantes entre nós. O que temos feito, juntas, é conversarmos sobre esses isolantes, o que cria algumas brechas ou “amolece” suas barreiras (Assis, 2010, pp.129-130).

Note-se que a leitura que fiz naquele momento da experiência clínica apresentada destacou a questão da aproximação/afastamento entre analista e analisanda, bem como a aproximação/afastamento da paciente com ela mesma, no sentido de vencer suas barreiras e viver suas emoções.

Na releitura que faço, privilegio a presença do silêncio, conjecturando que o silêncio seria uma emanção do O compartilhado entre mim e a paciente.

Em psicanálise, qualquer O que não seja comum tanto ao analista como ao analisando, e portanto não esteja disponível para ser transformado por ambos, pode ser ignorado como irrelevante para a psicanálise. Qualquer O que não seja comum para ambos é impróprio para investigação psicanalítica; toda aparência em contrário depende de um insucesso em compreender a natureza da interpretação psicanalítica. (Bion, 1965/2004, p. 64).

Minha necessidade, de ficar em silêncio, diante do “barulho” da paciente falante, anunciava minha hospitalidade a algo que estava em evolução no nosso encontro: o silêncio, veículo da solidão existencial, inerente ao humano, que por produzir dor tem potencial para conduzir à busca por “com-partilhar” e por “com-viver”. O silêncio aparece como a complementaridade ao barulho, necessário para que a paciente possa “ouvi-lo”. Interessante notar que quando falo disso a ela, sobre sua necessidade de “um pouco de quietude dentro de si mesma”, ela se lembra de que sentira isso quando visitara a casa da mãe no dia anterior, em conformidade com o que eu havia “sonhado” quando estava em silêncio: pensei em uma casa de mãe, “onde se pode ficar, simplesmente, sem ter que ‘malhar’ como numa academia, ou tomar decisões, como numa reunião de trabalho”.

A fala da paciente, sobre a casa da mãe, anuncia que a *rêverie* que se apresenta a mim é sinal da ressonância de “estar-uno-a” ao O do nosso encontro. E também sobre a experiência de Ser, que contém, em mim, a experiência de uma casa de mãe em que se pode “estar simplesmente”, sem obrigações a serem cumpridas. Esse momento da sessão me lembra um trecho de um texto de Braga (2011), intitulado, criativamente, “Às vezes penso, às vezes sou”, em que ele escreve:

Sei que o que evoluiu não foi por raciocínio e que tem a ver com o cabedal de registros de minhas vivências em mim já integradas. Ou seja, com o que *sou*. Tomo-o como o *rêverie* em ação. Quando isso ocorre, sinto-me podendo conversar livre e francamente com a pessoa, sobre o que estamos compartilhando. E fico oscilando entre o *pensar* e o *ser*, acompanhando os movimentos de resistências e de fluidez emocional, cognitiva e onírica que se apresentam para o par analítico. (Braga, 2011, p. 55).

Ainda dentro da releitura do artigo original, penso que posso ampliar o alcance da interpretação que fiz sobre a imagem do isolante térmico, que a paciente trouxe após a interpretação do meu silêncio e um sentimento de forte aproximação afetiva. O isolante térmico pode ser visto (como foi) em sua dimensão de espalhar pela sala de análise um elemento que nos isola das emoções vividas e também que a isola da experiência de viver proximidade afetiva. Acrescento a essa dimensão, sua contraparte, em que a associação com o isolante térmico seria um movimento de aproximação à experiência de ser só. A paciente, “encarnando” a solidão, dá-lhe a configuração de isolante térmico, proveniente de seu acervo de imagens. Uma imagem que fala sobre a experiência, dolorosa, de se sentir isolada, sem recepção ao calor humano que emana do “com-tato”. Veja que há uma diferença sutil e importante para a prática clínica, de interpretar o isolante térmico como defesa contra o contato com a analista, e interpretá-lo como um “arbatamento do infinito vazio e sem forma”, uma busca de figuração para o isolamento e a solidão, ou seja, uma aproximação dessa vivência.

Escrevi, naquela ocasião: “O que temos feito, juntas, é conversarmos sobre esses isolantes, o que cria algumas brechas ou ‘amolece’ suas barreiras.” Penso, agora, que poderia ter feito uma interpretação que valorizasse seu empenho, sua valentia, em se aproximar da dor de ser só e do desejo de companhia, companhia para Ser, para além de companhia para “falar sobre”.

Finalizo com Clarice Lispector que, poeticamente, traduz em linguagem de *consecução*, o que nossas palavras *científicas* falham em dizer.

Dá-me tua mão:

Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como via a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é o entre o sentir – nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio.

Não era usando como instrumento nenhum dos meus atributos que eu estava atingindo o misterioso fogo manso daquilo que é um plasma – foi exatamente tirando de mim todos os atributos, e indo apenas com minhas entranhas vivas. Para ter chegado a isso, eu abandonava a minha organização humana – para entrar nessa coisa monstruosa que é a minha neutralidade viva (Lispector, 2017, p. 97).

Hospitalidad a la luz de la Teoría de las Transformaciones, de Bion.

Resumen: El presente artículo es una relectura de otro artículo publicado por la autora hace diez años. En el texto anterior se ha abordado el tema de la hospitalidad en el vínculo analítico bajo el vértice de la intersubjetividad. La hospitalidad ha sido vista como la condición que tiene el analista de ser receptivo a las identificaciones proyectivas del analizante, asociada a la oferta de un abrigo simbólico para los contenidos que “invaden” la mente, requiriendo continencia/representación. En la relectura de aquel artículo, ahora realizada bajo el vértice de la teoría de las transformaciones de Bion, la autora expande la idea de hospitalidad

hacia la disponibilidad del analista de estar receptivo a O, cuidando de las condiciones necesarias para lograr el estado de la mente que sea favorable a las transformaciones en O. Además, se presentan las resistencias a este movimiento, identificadas por Bion como siendo resistencias al ser/convertirse realidad. El trecho de La Odisea, usada en el primer artículo para ilustrar la hospitalidad, como también el material clínico allí presentado, han sido revisados a la luz de los conceptos de la teoría de las transformaciones.

Palabras clave: hospitalidad; transformaciones en O; resistencias a ser/convertirse.

Hospitality in the light of Bion's transformations theory

Abstract: The present article is a re-reading of another article published by the author ten years ago. The previous text approached the theme of hospitality in the analytic bond under the vertex of inter-subjectivity. Hospitality was seen as a condition of the analyst of being receptive to the analysand's projective identifications, associated to the offer of symbolic shelter for the container-contained that "invade" the mind, requesting containment/representation. In the article's re-reading, now under the vertex of Bion's transformations theory, the author expands the idea of hospitality towards the analyst's availability of being receptive to O, taking care of the necessary conditions to achieve the favorable state of mind to the transformations in O. Resistances are also presented to this movement, identified by Bion as resistances to being/becoming reality. The extract from the Odyssey used in the previous article to illustrate hospitality, as well as the clinical material there presented, are revised in the light of the concepts in Bion's transformations theory.

Keywords: hospitality; transformations in O; resistances to being/becoming

Referências:

Assis, M. B. A. C. (2010). Hospitalidade no vínculo analítico. *Berggasse 19 Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto*, 1(1), p. 117-135.

Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento*. Trad. P. C. Sandler. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).

_____. (2006). *Atenção e Interpretação*. Trad. P. C. Sandler. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).

Braga, J. C. (2011) Às vezes penso, às vezes sou. In Rezze, C. J., Marra, E. S. e Preticciati, M. (orgs). *Psicanálise: Bion, clínica ↔ teoria*. São Paulo: Vetor.

_____. (2012). Afinal, como apreendo o uso por Bion do conceito experiência emocional? In Rezze, C. J., Marra, E. S. e Petriccioni, M. (orgs) *Afinal, o que é experiência emocional em Psicanálise?* São Paulo: Primavera Editorial.

_____. (2016). Transferências? Transformações? Encontros estéticos? Como me encontro hoje com esses conceitos na prática clínica? In Rezze, C.J., Camargo, C. A. V e Marra E. S. *Bion: transferência, transformações, encontro estético*. São Paulo: Primavera Editorial.

_____. (2017). Bion: o autor na obra. Trabalho apresentado na *X Jornada de Psicanálise – Bion*, realizada na SBPSP, em maio de 2017.

Caseiro, S. L. N. (2019). Do inefável, um instante. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(3), 2019, 151-166.

Green, A. (1988). Pulsão de Morte, Narcisismo Negativo, Função Desobjetalizante. In *A Pulsão de Morte*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1986)

Grotstein, S.J. (2003) *Quem é o sonhador que sonha o sonho?: Um estudo de presenças psíquicas*, Trad. Trunci, S.M.T (et al.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 2000)

Homero. (2001) *Odisseia*. Trad. C. A. Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro.

Lispector, C. (2017). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco.

Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Trad. D. Bueno. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 2005)

Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis

Rua Professor Alonso Ferraz, 717, Alto da Boa Vista, Ribeirão Preto, SP.

CEP: 14025-530

Telefone: (16) 39111297

E-mail: bernadete.amendola@gmail.com

Editora: Denise Lopes Rosado Antônio